

A ESPIROQUETOSE AVIÁRIA EM BELO HORIZONTE

Dr. J. Noronha Péres
Dr. Oswino Penna Sobrinho
Acadêmico Irapuan Campello Bessa

(Trabalho do Instituto Biológico Ezequiel Dias)

O desenvolvimento crescente da avicultura, entre nós, está a exigir dos interessados em assuntos de patologia animal, o estudo sistemático das doenças das aves. Relativamente raras são as questões de ornitopatologia ventiladas no nosso meio, sendo que a literatura referente ao assunto consta quasi que exclusivamente de trabalhos de Magalhães (1, 2, 3, 4, 5). A maioria das doenças das aves domésticas e outros aspectos da avicultura ainda estão para ser convenientemente estudados em Minas Gerais, e, enquanto isto não fôr realizado, jamais teremos um desenvolvimento avícola como o existente em S. Paulo e nos Estados Unidos da América do Norte, onde o volume desta produção é superior ao valor da exportação de café do Brasil.

Ultimamente vimos nos interessando por certos aspectos da patologia aviária, atendendo, em parte, às solicitações das pessoas que nos procuram, com o fim de obter esclarecimento para os casos de morte que, às vezes, ocorrem com certa frequência em suas criações.

Assim, logo no início de nossas atividades, foi-nos dado constatar a *espiroquetose das aves* em Belo Horizonte (*).

Verificação da espiroquetose

Ocorrendo vários casos de morte em galinhas da criação de um de nós (O. P. Sobrinho), procurámos saber qual a causa da doença em questão. Em 9-6-940 examinámos um frango de 2 meses de idade, de raça Legorhn branca, que que se apresentava febril, triste, sonolento, com arrepiamento nas penas e diarréia esverdeada. Estes sinais tiveram início cêrca de 2 dias atrás. Nos animais já vitimados pela

(*) Cumpre-nos dizer que, mais tarde, em palestra com o Dr. Cassio Malleiros, este nos informou já ter observado um caso de *espiroquetose* anterior à nossa observação.

doença, os sintomas eram mais ou menos os mesmos ora referidos e a morte se verificando, via de regra, de 4 a 6 dias após o início da moléstia.

Pela evolução um tanto lenta e ausência de outros sintomas, afastamos a hipótese de se tratar do *colera* das galinhas, orientando nossas pesquisas para o lado da *tifose aviária*, dada a sua frequência entre nós, segundo Magalhães (2). Ao mesmo tempo, fizemos investigações no sentido de averiguar si outras infecções podiam estar em jogo.

Assim, procurámos saber si se tratava da *espiroquetose*, e, para esse fim, fizemos um esfregaço de sangue em lâmina, que foi corado pelo May Grünwald-Giemsa.

Examinado ao microscópio, foram vistos numerosos germes espiralados, com os característicos morfológicos do *Treponema anserinum* (Sacharoff, 1891), também mais conhecido pelo nome de *Spirocheta gallinarum* (microf. 1).



Verificada a presença do agente causal da moléstia no sangue da ave, procurámos, em seguida, descobrir o seu transmissor no galinheiro onde ocorreram os casos de morte. Não nos foi difícil capturar um grande número de carrapatos, indentificados, por gentileza do Dr. A. V. Martins,

como sendo *Argas miniatus* (Koch, 1884), que é hospedeiro intermediário da doença na América do Sul.

Os *Argas* foram examinados com o fim de se apurar si eles estavam infectados, fazendo-se para esse fim preparações dos mesmos que, coradas pelo May Grünwald-Giemsa e Fontana-Tribondeau, revelaram a presença de grande número de *espiroquetas*.

Uma vez constatada a presença da *espiroquetose*, entre nós, começámos a examinar sistematicamente todas as aves domésticas enviadas ao Instituto, para se avaliar da difusão da doença no nosso meio.

Verificámos, então, que a doença já está bastante difundida em Belo Horizonte, pois, em um total de 89 aves examinadas (88 galinhas e 1 peru) apresentando sintomas de doença, em 50 delas constatámos a *espiroquetose*, incluindo entre os casos positivos o peru.

Como algumas das galinhas doentes tivessem sido adquiridas no Mercado Municipal de B. Horizonte, procurámos saber si este, realmente, constituiria um foco da zoonose recém-notificada, importante, pelo seu papel na difusão da mesma. Para isso fomos algumas vezes ao Mercado, onde percorremos os diversos postos de venda de aves, à procura de galinhas com quaisquer sintomas de doença. Ao mesmo tempo, procurámos descobrir *Argas* nos viveiros de aves, encontrando todos aqueles por nós examinados abrigando um número considerável do carrapato transmissor da doença. E a quasi totalidade das galinhas trazidas por nós, apresentava-se com *espiroquetose*.

Mesmo entre aquelas escolhidas de aparência normal, verificaram-se casos de doença após permanência de poucos dias no Instituto, fora de qualquer possibilidade de posterior contágio. Diante de um tal achado, somos inclinados a considerar que a grande difusão da *espiroquetose* em Belo Horizonte deve, em grande parte, correr por conta do *foco* do Mercado Municipal de onde saem diariamente galinhas aparentemente sãs ou doentes, levando formas jovens, infectadas ou não, de *Argas* para os diversos pontos da cidade. E por isso achamos oportuno sugerir aos poderes públicos que, pelos seus órgãos competentes, tomem as medidas necessárias de profilaxia de uma doença facilmente evitável.

Tratamento e profilaxia

A *espiroquetose* é uma dessas doenças cujo tratamento e profilaxia são extremamente fáceis. Como meio tera-

pêutico empregámos com resultados satisfatórios os diferentes preparados arsenicais existentes no mercado. Em alguns casos utilizámos compósitos de bismuto com resultados idênticos aos de arsenicais. Além do tratamento dos animais doentes, outras medidas se impõem no combate à *espiroquetose*, como sejam, a vacinação, a erradicação do carrapato transmissor e a proibição da entrada de aves doentes ou parasitadas por larvas de *Argas* nos planteis indenes, segundo Reis e Nobrega (6).

Quanto à vacinação, pensamos, como os autores citados, que só «eventualmente» deve ser feita, atendendo determinadas circunstâncias. Mesmo assim, preparamos a vacina de Aragão (7) que, em provas experimentais, mostrou-se de efeito protetor satisfatório.

A eliminação dos *Argas* parece-nos ser a medida mais aconselhável e de maior alcance prático, pela sua fácil execução e eficiência dos resultados.

E, por último, agradecemos ao nosso companheiro Dr. Breno Furtado Gomes pelo muito que nos ajudou.

RESUMO:

Os autores após constatarem a *espiroquetose* das aves em Belo Horizonte, ainda não referida na literatura regional, apresentam os resultados de suas investigações, mostrando que a doença está bastante difundida nesta cidade. A percentagem de aves doentes sobe a 56% sobre o total de 89 examinadas. O Mercado Municipal parece ser o principal foco de difusão da doença.

Bibliografia:

- 1) — Magalhães, O. — Arch. Mineiros de Dermat. Syphilografia. Ano 2.
- 2) — » » » Mem. Inst. O. Cruz — Tomo XX — Fascículo II — 1927.
- 3) — » » » Brasil Médico — Vol. 32 — p. 168 - 1938.
- 4) — » » » O Campo — V. 10 - n. 109 - p. 26 - 1939.
- 5) — » » » » » — V. 10 - n. 110 - p. 26 - 1939.
- 6) — Reis, J. e Nobrega, P. — Tratado de Doenças das Aves - 1936. S. Paulo.
- 7) — Aragão, H. B. — Mem. Inst. O. Cruz — Tomo III — Fascículo I — 1911.